

Abrahão Sanderson Nunes Fernandes da Silva¹
Luiz Carlos Medeiros da Rocha²
Alexandre Guida Navarro³

UMA PEQUENA HISTÓRIA SOBRE OS ESTUDOS COM INDÚSTRIAS LÍTICAS EM SAMBAQUIS NO BRASIL

A SHORT HISTORY ON STUDIES WITH LITHIC INDUSTRIES IN SHELLMOUNDS IN BRAZIL

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

² Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

³ Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

RESUMO

Este artigo é uma revisão bibliográfica sobre as indústrias líticas identificadas em sambaquis no Brasil. Evidencia a formação de períodos diferentes no tratamento com esses materiais, implicando na percepção das abordagens e resumando os dados apresentados. Como resultado, observa-se que visitar coleções arqueológicas de materiais líticos oriundas dos sambaquis ainda se configura como um grande cenário a ser explorado pela arqueologia brasileira, sobretudo pelo grande potencial informativo que esses sítios e sua cultura material carregam.

PALAVRAS-CHAVE: Sambaquis, Indústrias líticas, Análises, História da Pesquisa.

ABSTRACT

This article is a bibliographical review on the lithic industries identified in shellmounds in Brazil. It shows the formation of different periods in the treatment with these materials, implying the perception of approaches and summarizing the data presented. As a result, it should be noted that revisiting archaeological collections of lithic materials from the shellmounds is still a great scenery to be explored by Brazilian archeology, especially due to the great informative potential that these sites and their material culture.

KEYWORDS: Shellmound, Lithic industries, Analysis, Research History.

INTRODUÇÃO

A presente revisão bibliográfica aborda as indústrias líticas em sambaquis no Brasil, com estudos que podem ser encontrados desde o século XVII e, principalmente, a partir do século XIX. Nesse momento, particularmente, os sambaquis eram incluídos nas descrições paisagísticas devido a fatores como o estranhamento em relação aos “montes de conchas” e, também, por causa de sua potencialidade para extração da cal, um produto essencial ao modo construtivo da ocupação colonial no que se tornou o Brasil.

A temática aqui abordada, está direcionada para a compreensão dos materiais líticos como um tipo de evidência específico. Contudo, cumpre destacar que o histórico de dados sobre artefatos ou conjuntos líticos encontrados em sambaquis no Brasil, presente neste artigo, não tem um caráter de totalidade e tão pouco o de uma análise do discurso inerente às produções onde esses dados são encontrados, posto, que são fruto de contextos sócio históricos e de desenvolvimento da Arqueologia no Brasil, específicos.

Vale, também, destacar que o percurso de desenvolvimento da arqueologia no Brasil, em termos teórico e metodológico, em específico para as indústrias líticas, apresenta duas grandes influências para os pesquisadores: uma anglo-saxã (norte-americana) e outra francesa. De forma sintética, a primeira ganhou mais destaque entre materiais líticos considerados mais recentes e associados a populações ceramistas, por exemplo. E a segunda, passou a ser aplicada principalmente com materiais lascados. Como será apresentado ao longo deste artigo, a abordagem tipológica é aplicada de forma hegemônica no Brasil em estudos realizados até o início dos anos 2000, quando aspectos ligados à abordagem tecnológica passam a ser inseridos com maior destaque.

Através da leitura de textos que versam sobre variados aspectos dos sambaquis, naquilo que cumpre aos conjuntos líticos, nos foi possível perceber a formação de três períodos de produção acadêmica, cujas diferenças são, por vezes, sutis e, também, onde as produções podem apresentar construções semelhantes às elaboradas em períodos anteriores¹. Assim, temos um primeiro momento com os trabalhos elaborados entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, período de intensa descrição; um segundo momento a partir da década de 1950 e estendendo-se até aos anos 1980, quando às descrições são acrescentadas algumas inferências; e, por fim, um terceiro período, que se iniciou em 1990 e está ainda em vigor, quando pode ser percebida a inserção de perspectivas analíticas diferenciadas das apresentadas até aquele momento, particularmente, focadas na compreensão das cadeias operatórias conforme preconiza o uso da abordagem tecnológica.

AS DESCRIÇÕES FEITAS ENTRE A SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX E OS ANOS 1940

As observações iniciais acerca dos ‘montes de conchas’, constantes em relatos de cronistas, são substituídas, já na segunda metade do século XIX, por trabalhos nos quais havia uma grande discussão em torno da *naturalidade* ou *artificialidade* dos sambaquis. “Debates acirrados eram travados entre os seguidores das duas correntes, ora em tom irônico (...), ora francamente apaixonado” (LIMA, 1999/2000, p. 288). Seja como for, também é um fato de que nesse mesmo período, capitaneada pelo texto de Carlos Wiener, em 1876, surgiu também uma terceira corrente, que preconizava a existência dos sambaquis como sendo fruto tanto de processos naturais, quanto culturais (WIENER, 1876).

¹ Não significa com isso que essas produções apresentem maior ou menor validade do que suas contemporâneas.

O final do século XIX foi um momento bastante produtivo para a Arqueologia, que assentava suas bases institucionais e epistêmicas (FERREIRA, 2001), e, particularmente, para os estudos com sambaquis. Sob o ponto de vista dos líticos encontrados, percebe-se apenas dois caminhos nos textos lidos, quais sejam, a menção a um dado tipo de artefato ou a descrição desse, conforme pode ser observado nos trabalhos de Rath (1871), Penna (1876), Wiener (1876), Hartt (1885), Netto (1885) e Ihering (1895, 1904).

Além de ter sido o primeiro diretor do Museu Paraense Emílio Goeldi, Domingos Soares Ferreira Penna atuou como naturalista viajante para o Museu Nacional. Em um de seus trabalhos para esse museu, publicado em 1876 na revista *Archivos do Museu Nacional*, Penna fornece uma “breve notícia sobre os Sambaquis do Pará” com o objetivo de que seu texto atuasse como uma espécie de ‘guia’ aos futuros pesquisadores da costa Oriental do Pará, para onde ele havia se deslocado. Neste texto, a presença de peças líticas nos sambaquis visitados parecia ser algo raro, sendo que em três locais foi citada a presença desse tipo de evidência.

No sambaqui *Mina da Corôa-Nova* Penna (1876, p. 89) relata ter encontrado, já perto da superfície, “uma especie de mó de granito muito polida e discoide”. Já no sambaqui *Mina do Capitão Clarindo*, a partir de informações de moradores locais, Penna (1876, p. 89) diz que “é procedente deste lugar uma tosca mó de quartz descoberta por um morador de Juapirica que m’a offereceu”. Além destes dois achados, é reportado o fato de que em um sambaqui na localidade de *Curuçá* “o unico instrumento de pedra encontrado na excavação foi a metade (talvez) de um disco de grez compacto cuja utilidade não sei determinar por estar incompleto esse instrumento que póde ter sido um alisador de louça ou um martello, ou immersor de rede” (PENA, 1876, p. 89).

Duas situações podem ser inferidas a partir desses dados de Ferreira Penna, uma delas é o fato das peças ‘enxergadas’ serem apenas artefatos polidos e, segundo, praticamente a inexistência de materiais líticos nesses locais. Essa aparente raridade de peças líticas em sambaquis na região norte da qual fala Penna, é também citada por outro autor do período, Carlos Hartt, quando em visita ao sambaqui de Taperinha, localizado em Santarém/PA. Hartt (1885: 4) descreveu tal situação da seguinte maneira, “parece muito estranho que, tendo usado esse povo de instrumentos de pedra, nenhum fosse encontrado”.

Tal circunstância, não é a mesma enxergada pelo pesquisador Carlos Rath (1871), que desde os anos 1840 já noticiava a existência de sambaquis. Rath (1871), em meio aos seus estudos sobre corografia e geografia das províncias de São Paulo e Paraná forneceu outro quadro sobre a existência de peças líticas em sambaquis nas regiões sul/ sudeste, ao dizer que uma das características desses montes, é o fato de que no fundo e centro d’estes outeiros (...) encontramos sempre ossadas humanas; e junto a ellas acha-se não pequeno numero de armas e utensilios feitos de pedras, como sejam, machados, pontas de lança, frechas, cunhas, virotes, argolas, massas, pilões, mãos de pilões, pedras chatas e concavas, balas bem redondas e outras que poderiam servir para fundas ou para abrir cocos, porque em algumas se observa que são chatas, e têm uma cova no centro feita necessariamente para este fim (RATH, 1871, p. 288).

Dos textos lidos, o que apresentou maiores dados sobre ocorrência de artefatos líticos em sambaquis, foi o de Wiener (1876). Em um trabalho de síntese acerca dos sambaquis do sul do Brasil, esse pesquisador descreve os objetos líticos coletados por ele em campo a partir de três morfologias de machado (lâminas), sendo o primeiro tipo cilíndrico de base oval, o adelgado na porção superior, com gume semelhante ao que ele chama de plaina de ferro ou formão bem largo. O segundo tipo de machado configura-se no que ele chama de “parallelipipedo” com uma extremidade muito afiada, dentro de 2 a 8 centímetro. E a terceira forma,

mesmo sendo chamado de “machado”, o autor atribuiu sua utilização a quebrar frutos, sem marcas de encabamento (WIENER, 1876, p. 13-14). Além desses machados, Wiener ainda descreve uma série de outros instrumentos polidos.

Desse modo, Wiener descreveu tipologicamente lâminas de machado, um zoólito, almofarizes, outros instrumentos passivos e alguns ativos, que possivelmente seriam utilizados em ações como a de macerar ou “abrir conchas”. Contudo, a que se considerar ainda no texto desse pesquisador praticamente não citar a existência de artefatos líticos lascados, conforme pode ser lido na conclusão de seu inventário sobre os objetos:

[...] terminemos este inventario com um esclarecimento a que voltaremos mais tarde: os sambaquis contem uma grande quantidade de seixos e de fragmentos angulosos de rochas, como se encontram mui frequentemente sobre esta costa. Á excepção de pontas de lança ou de flecha, não achamos objetos de pedra lascada. (WIENER, 1876, p. 15).

Em um texto publicado em 1885 Ladislau Netto, cuja formação científica foi realizada na França sob a orientação de pré-historiador Boucher de Perthes, buscou desenvolver uma síntese sobre a arqueologia brasileira, na qual o tópico VIII – *A idade paleolithica e neolithica no Brazil* –, foi dedicado em grande parte a caracterização dos materiais líticos encontrados em diferentes regiões e que constavam no acervo do Museu Nacional.

Em alguns momentos desse texto, Netto (1885, p. 495) traz dados acerca dos artefatos líticos encontrados em sambaquis, principalmente os do sul do país, onde, segundo ele, é encontrada copiosa porção de tão vários artefactos, havemos recebido instrumentos manifestamente destinados ao mister de cavadeiras, martellos, facas, raspadores e pontas de flecha, sendo mui notáveis, entre todos estes, os que apresentam a fôrma de serrotes, tal é a regularidade com que se acha preparada a denticulação do gume do rude instrumento. (NETTO, 1885, p. 495).

Ainda em relação a existência de materiais líticos em sambaquis, prossegue Ladislau Netto, ao afirmar que

na costa de Santa Catarina, Paraná e S. Paulo, isto é, onde os Sambaquis são mais extensos e onde parece que de mais vulto era a pesca dos bivalos de que se compõem estes depositos gigantescos, são frequentes, entre os toscos machados de diorito, alli sepultados, pequenos instrumentos de 7 a 12 cent. de comprimento, que supponho haverem servido para abrir esses molluscos. Instrumentos são estes de fôrmas muito simples, mas polidos com admirável esmero, como de quem tivesse grande empenho em que se não quebrassem no exercício do mister a que eram destinados. Outros artefactos curiosos e inexplicáveis havemos recebido das mesmas regiões dos Sambaquis e do centro das provincias de S. Paulo e Matto Grosso. (...) São pequenos croques, especie de agulhas de tecer malhas de rede, se não foram antes pontas de flechas, polidores ou outros instrumentos destinados a fim para nós inteiramente desconhecido.

[...]

Nos Sambaquis d’essa porção do nosso littoral, que se estende do Rio de Janeiro até Torres, na costa do Rio Grande do Sul, encontra-se, além d’esta promiscuidade de belissimos machados de pedra polida, com toscos machados de pedra lascada, grosseira louça de mal preparada argila, de permeio com amuletos ou zoolithos do mais perfeito lavor.

De permeio com estes primores da arte mais adiantada dos aborígenes sulamericanos encontram-se numerosos e toscos seixos, grosseiramente cavados n’uma das faces, ao ponto de poderem servir de almofarizes. (...) Estes almofarizes rudimentares, que mal se podem prestar ao fim a que se destinam, abundam nos Sambaquis de Santa Catharina, de par com enormes pedras roladas de 25 a 40 centímetros de diametros, das quaes me foram trazidos d’aquella provincia

alguns specimens pelo zeloso e infatigável engenheiro Francisco José de Freitas, actual sub-director da secção de Geologia e Mineralogia, do Museu Nacional. (NETTO, 1885, p. 506-509).

Outro elemento da cultura material lítica sobre o qual Netto discorre algum comentário, são os tembetás, pontuando o fato de que “a costa do Brazil era primitivamente povoada por nações que, se divergiam por outros caracteres ethnologicos, tinham quase todas em commum o adorno labial de pedra” (NETTO, 1885, p. 518).

Já no final do século XIX e início do XX, observamos em trabalhos de Herman von Ihering, dados semelhantes aos já elencados em autores que lhe foram contemporâneos. Ihering, ao citar os trabalhos de Bischoff, conta que nos sambaquis do Rio Grande do Sul são “encontradas armas de pedra polida, entre ellas também os machados entalhados de sulco circular e pontas de flecha” (IHERING, 1895, p. 94). Além disso, em uma síntese sobre a arqueologia brasileira, Ihering colocou os seguintes dados sobre artefatos líticos em sambaquis de São Paulo e Paraná:

Os artefactos de pedra consistem particularmente em machados, que em geral são toscamente lascados, sendo polidos só na extremidade cortante; tanto que eu saiba, faltam, não só machados semilunares, mas também os com sulcos e entalhes sub-terminaes.

Além dos machados são encontrados mãos de pilão, sempre bem polidas, de forma mais ou menos cylindrica ou conica; bem como pilões de pedra com cavidade não muito profunda e de borda circular. (...) Semelhante a estes pilões são ás vezes as pedras de amolar, cuja superficie lisa e pouco concava é em geral de forma oval. (IHERING, 1904, P. 539).

Na primeira metade do século XX é possível perceber a formação de outro período de desenvolvimento da arqueologia brasileira, o que Lima diz ter sido um momento de “esclarecimentos e explicações” (LIMA, 1999/2000). Neste contexto, embora não avançando em relação ao período anterior, podem ser percebidas referências à existência de materiais líticos em sambaquis.

O texto de Ermelino Leão, *Antonina Prehistorica* (1919), está relacionado a esse momento e traz poucas informações sobre líticos em sambaquis. Inicialmente, quando ao tratar de características que propiciam a presença desse tipo de sítio, diz que entre os fatores está “a existencia de alguns rochedos que lhes fornecessem o material preciso para abrir as conchas, o que faziam com pedra lascada e resistente que se encontra em todos os sambaquis” (LEÃO, 1919, p. 234). Em outra passagem, ao inferir características de progresso sócio-cultural aos grupos sambaquieiros, este autor coloca que “desta forma, explicável que em um mesmo montículo se deparam artefatos grosseiros de pedra archeolithica, ao lado de outros polidos e mais aperfeiçoados, como machados” (LEÃO, 1919, p. 237).

Rápida menção a existência de líticos em sambaquis no Nordeste figura no texto de José Silvestre Fernandes, escrito em 1948 e publicado em 1950, que aborda a existência de sambaquis no litoral do Maranhão. Em meio às descrições paisagísticas, quando ao tratar do sambaqui do Mocambo, esse autor relata: “o sr. Firmino, negociante de Itereré, presenteou-nos com uma raspadeira de pedra, certamente trabalho do índio e que, segundo nos disse, foi encontrada no ser-nambizal do Mocambo” (FERNANDES, 1950, p. 197).

O argentino Antonio Serrano (1946), que desenvolveu pesquisas em sambaquis no Brasil, escreveu um trabalho para o livro *Handbook of South American Indians* em que se diferencia dos demais textos da época, isto pelo fato de que seu modelo de classificação cultural² para os sambaquis brasileiros, é consubstanciado pela existência, em três das quatro áreas por ele delimitadas, de determinados artefatos líticos.

The southern phase (the meridional) includes the sambaquis of Rio Grande

² Os sambaquis foram agrupados por Serrano em quatro fases: a primeira seria a *meridional*, que

do Sul, Santa Catarina, Paraná, and the southern part of São Paulo. It is characterized by the concave zooliths and well-shaped polished axes of well-defined types. In the southern region may be found circular sling shots and stones for bolas. (...)

The archaic culture phase of the ancient sambaquis of São Paulo – those containing Azara prisca – belong to the culture of Lagoa Santa man. Stone artifacts are represented especially by axes, which are more or less triangular in form, or are oval and crudely fashioned by heavy blows; sometimes these are slightly polished. Chipped-stone knives and scrapers and hammer stones complete the list of the stone implements of this phase. (...)

The middle (media) phase corresponds to the sambaquis of the States of Rio de Janeiro and Espírito Santo. Stone articles consist of fine polished axes of diorite, which are similar to some types of the second cultural stage of the valley Rio das Velhas. (SERRANO, 1946, p. 406- 407).

O trabalho de Serrano, busca estabelecer uma sequência cronológica e de horizonte cultural, a partir da tipologia de objetos líticos encontrados em sambaquis das regiões sudeste e sul do Brasil e representa, por assim dizer, o prenúncio de uma fase mais assertiva na qual o estabelecimento de tipologias e sequências de horizontes culturais passam a ser mais claramente estabelecidas.

OS ANOS DE 1950 A 1980 E A BUSCA PELO EQUILÍBRIO ENTRE TIPOLOGIAS, ANALOGIAS E INFERÊNCIAS

A partir dos anos 1950 observa-se a formação de um período em que o direcionamento da pesquisa sobre sambaquis passa a ser norteado por uma atuação mais intensa de arqueólogos. A partir de então, escavações sistemáticas com rígido controle estratigráfico tornaram-se comuns, percebendo-se, então, as continuidades e descontinuidades do registro arqueológico e variações culturais ao longo da estratificação nesses sítios.

Em 1954, no estado de São Paulo foi realizada a primeira escavação sistemática em um sambaqui no Brasil, a do sítio Maratuá, no município de Guarujá. Essa escavação foi coordenada por Joseph Empeaire, que desenvolveu o trabalho junto com Annette Laming (1958). Nesta pesquisa, em termos de materiais líticos, foram coletados segundo Duarte (1968) *apud* Alves (2010, p. 14) machados, perfuradores e afiadores, algumas das lâminas de machado coletadas possuíam relação direta com sepultamentos.

No campo do estudo das indústrias líticas observa-se ainda, já no final dos anos 1970, a publicação da tese de doutorado de André Prous defendida em 1977, “um alentado catálogo com o levantamento de 230 zoólitos identificados ao longo de todo o litoral meridional, de São Paulo ao Uruguai, em mãos tanto de particulares quanto de instituições. Nesse trabalho foram discutidas técnicas de fabricação, estilos, distribuição quantitativa e qualitativa das peças, a fauna representada e os possíveis significados desses objetos” (Lima, 1999/2000, p. 303). Fora o trabalho de Prous, não se observa outro voltado especificamente para indústria lítica em sambaquis, apenas, textos que em algum momento dedicam-se a descrever e/ou analisar a existência de conjuntos líticos.

Na década de 1950, Annette Laming e Joseph Empeaire³ chegam ao Bra-

abarcaria os estados de Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul e parte de São Paulo; a segunda, chamada de *média*, envolveria os estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo; a terceira seria representada pelos sambaquis com *Azara prisca*, simbolizando uma fase arcaica nos sambaquis paulista e, a quarta, seria a *Amazônica*, cujas culturas não seriam homogêneas e representariam elementos de outras culturas típicas da região (LIMA, 1999/2000).

³ Segundo De Blasis e Gaspar (2011, p. 4) esse casal foi o responsável pelo estabelecimento de “uma das bases de referência conceitual e metodológica para a emergência de uma primeira geração de arqueólogos brasileiros”.

sil, incentivados por Paulo Duarte e Paul Rivet⁴. Tendo como objetivo o estudo sobre o surgimento do homem no litoral sul-americano, esses pesquisadores desenvolveram trabalhos em sambaquis no litoral meridional brasileiro e, também, em outros sítios litorâneos na Terra do Fogo e na Patagônia. Esses autores publicaram o texto *Sambaquis brésiliens et amas de coquilles fuégiens*, no qual afirmam que o conteúdo dos sambaquis do Brasil meridional é distinto daquele observado no extremo sul do continente, onde a indústria lítica nos sambaquis é bem caracterizada por uma presença abundante de artefatos lascados, ao passo que nos sambaquis do Brasil, ocorre uma proporção elevada de ferramentas polidas (EMPERAIRE; LAMING, 1958).

Entre os artefatos polidos, o maior destaque é dado às lâminas de machado, confeccionadas em espaços no próprio sambaqui, onde foram localizadas bacias circulares ou ovais que apresentam sulcos provenientes do processo de polimento, ou elaboração de gumes. Ainda segundo Annette e Joseph, nos sambaquis por eles estudados, os líticos lascados aparecem no mesmo nível que os polidos, ainda que as peças lascadas praticamente não apresentam retoques, a partir disto, uma das inferências realizadas foi a de que *“la culture des hommes des sambaquis apparait donc comme coupée, isolée de toute succession historique”* (EMPERAIRE; LAMING, 1958, p. 174).

Peter Hilbert (1959) apresenta dados relativos às análises de conjuntos de artefatos recolhidos entre os anos 1939 e 1941 no sambaqui Ponta do Jauari, na região do Lago Grande do Curuá, a Oeste de Alenquer/PA. Neste sítio arqueológico foram recolhidas em torno de 100 peças líticas, caracterizadas por Hilbert da seguinte maneira:

O maior número de artefatos líticos é constituído por machados e fragmentos. Podem ser distinguidos dois tipos principais, um em forma de pêssego alongada, de lâmina mais larga que a parte superior. Uma constrição pouco acentuada de 1 cm a 3 cm de largura, divide essas duas partes. Seu aspecto é muitas vezes assimétrico, e a confecção pouco cuidadosa. O comprimento varia entre 6 e 15 cms. e a largura de 3 a 9 cms.. Um segundo tipo é de forma retangular, com entalhes laterais convergindo para a base. Esta é sulcada em toda a largura para melhor adaptação ao cabo. É um tipo de fabricação mais bem cuidada e seu comprimento varia entre 7 e 10 cms., a largura entre 7 e 8 cms.. A matéria prima é o diabásio.

Outros artefatos líticos são representados por ‘manos’, róis de corte circular ou quadrangular de cantos boleados. O comprimento varia de 7 a 14 cms. Esses róis servem para moer operando sobre bases, também de pedra, do tipo ‘metates’. Estas são de formatos circulares ou oval, com cerca de 30 cms. de diâmetro, apresentando na superfície superior um escavado de 20 cms. de largura por 2 a 3 cms. de profundidade.

Martelos ou socadores são também numerosos. De forma redonda, oval ou trapezoide, eles são trabalhados de modo sumário, medindo entre 6 cms. a 12 cms. de comprimento. Foram usados, provavelmente, em conjunto com quebra-nozes, pedras redondas ou ovais constituídas de material em que predominam conglomerados de quartzo de granulação grossa, ou de granito. Numa face ou em ambas aparece uma depressão pequena, atingindo até 3 mm. de profundidade por 2 a 5 cms. de diâmetro.

Ocorrem também pedras de amolar, de arenito fino ou grosso; pedras de material corante, hematita, mostrando sinais de raspagem e parte de um anel de pedra, diabásico cinza, erodido, de cerca de 3 cms. de diâmetro interno. (HILBERT,

⁴ “Paul Rivet e Paulo Duarte imprimiram à Arqueologia paulista, bem como aos estudos arqueológicos nacionais e internacionais (...) as mentalidades voltadas para o desenvolvimento das relações internacionais, a compreensão mútua entre os povos, a cooperação internacional e a missão social do conhecimento do passado. Esses ideais foram propagados pelas ações desses intelectuais e tentaram transformar as idéias existentes em relação ao patrimônio arqueológico, que possuía para alguns segmentos sociais maior importância monetária do que científica” (DUARTE, 1950 e RIVET, 1957 *apud* ALCÂNTARA, 2008, p. 16).

1959, p. 14-16).

Os materiais líticos analisados por Hilbert foram distribuídos seguindo as inferências dele sobre os tipos cerâmicos identificados no sambaqui. Assim, os artefatos como o “machado sumariamente trabalhado, em forma de pêra, os quebra-nozes, os socadores e o anel de pedra” (HILBERT, 1959, p. 16-18), mesmo tipo de indústria que ocorreria em outros sambaquis da costa atlântico-meridional, no ‘período’ mais antigo e, o “machado retangular”, encontrado em outros sítios relacionados a culturas mais para o interior da área de floresta tropical, estaria relacionado ao período mais recente.

No Nordeste do Brasil, a partir de 1960, o arqueólogo Valentin Calderón período desenvolveu “escavações sistemáticas, rigorosamente controladas, no sambaqui da Pedra Oca, no bairro de Periperi, em Salvador” (ETCHEVARNE; FERNANDES, 2011, p. 29). O relatório sobre esta pesquisa apresenta dados sobre 73 peças líticas⁵, sobre os quais conta-nos Calderón que: “os setenta e três exemplares líticos com evidência de utilização coletados neste sambaqui são constituídos de rudes seixos rolados modificados apenas pelo uso contínuo, pois devem ter servido para bater, triturar e moer alimentos e corantes” (CALDERÓN, 1964, p. 38). Com base nesta percepção este autor estabeleceu as seguintes classes de artefatos: Bigornas, Batedores martelo, Batedor moedor, Batedor-martelo-moedor, Batedores com entalhes, Batedores-símbolo, Trituradores, Martelos, Martelos moedores, Pedras de moer, Pedras de amolar, Alisadores, Artefato com entalhes laterais, Artefatos ovóides (CALDERÓN, 1964).

A partir dos anos 1940, o alemão Guilherme Tiburtius desenvolveu atividades de pesquisa em Santa Catarina, com sambaquis (TIBURTIUS, 1996). Seu trabalho no Sambaqui da Enseada encontrou ao longo das escavações por ele conduzidas 77 peças líticas, algumas das quais são descritas por ele da seguinte maneira: machados, alguns polidos de todos os lados, outros cobertos por rachaduras não polidas, mas apresentando corte cuidadosamente afiado nos dois lados da largura. Alguns foram dotados de cabo, outros eram usados na própria mão. Chegaram à luz do dia algumas poucas cunhas de mão, fragmentos de cinzel, lascas de seixos apresentando vestígios de uso, que talvez tenham sido usadas como raspadores, muitas lascas sem forma, usadas para algum fim qualquer. A matéria-prima para o que foi descrito anteriormente era principalmente diabásio. O quartzo era mais raro. Notável foi o achado de duas pontas de pua, feitas de pedra. Não foram encontrados pontas de seta de pedra ou zoólitos. Ferramentas de pedra eram colocadas nos túmulos junto aos mortos. Seixos do tamanho de um punho de criança apresentavam nas pontas vestígios de golpes, talvez tenham sido usados para abrir caroços de frutas. Estranhamente, não foi encontrada nenhuma pedra de amolar para confecção ou para afiar as ferramentas achadas (TIBURTIUS, 1996, p. 45-46).

Já no Sambaqui Morro do Ouro, Tiburtius identificou uma área de sepultamento de vários objetos líticos. “As oferendas mortuárias eram: três zoólitos – um deles com 74cm de comprimento; três seixos polidos, de brilho pardo; quatro batedores cilíndricos; oito quebra-cocos do tamanho de um punho, (...) dez polidores; dois [*sic*] pedras corantes” (TIBURTIUS, 1996, p. 82).

Saindo da região Sul do Brasil e acessando pesquisas em sambaquis desenvolvidas na região Norte, observamos os trabalhos do arqueólogo Mário Ferreira Simões, responsável pela elaboração de um projeto de pesquisa que legou os primeiros dados científicos, baseados em escavações, prospecções, análises de material e estabelecimento de cronologias, relacionados a esses tipos de sítios nesta parte do país, particularmente, isto ocorreu a partir de trabalhos no litoral do Salgado, no Pará. Os objetivos do *Projeto Salgado* eram

⁵ Essa contagem refere-se apenas as peças que, segundo Calderón (1964), apresentaram evidências suficientes de terem sido utilizadas pelo homem e, portanto, poderem ter sido incluídas na categoria de artefato, além disso, entre os artefatos líticos esse pesquisador não incluiu, segundo ele por estar fora dos estratos do sambaqui e junto a fragmentos de rocha e seixos rolados pela maré, um “grande machado semi-polido” (CALDERÓN, 1964, p. 38).

Entre 1968 e 1973 foram pesquisados 43 sambaquis desta região, dos quais 2 foram escavados e 41, por serem já à época apenas residuais (formados apenas por uma camada superficial ou, quando mais profunda com 40cm), foram prospectados através de cortes experimentais e da coleta de material tanto na superfície, quanto na camada residual. Neste caso, além identificação da cerâmica Mina⁶, foram coletados nesses sambaquis artefatos feitos a partir de conchas ou ossos e, também, lâminas de machado, moedores e batedores de seixo e lascas, com ângulos para corte e para raspar. As conclusões preliminares do estudo realizado afirmam, entre outros aspectos, que os materiais líticos relacionados aos sambaquis da fase Mina estariam restritos a “lâminas-de-machado trapezoidais polidas, moedores e percutores de seixos, raspadores de lascas e quebra-cocos lascados” (SIMÕES, 1981, p. 19).

Saindo novamente da região Sudeste, retornamos ao Sudeste do país, para abordar alguns dos primeiros trabalhos acadêmicos defendidos em instituições de ensino, em cujo conteúdo podemos encontrar dados sobre as indústrias líticas de populações sambaquieiras. Assim, em 1973 Uchôa desenvolve pesquisa no sambaqui Piaçagüera, que apresentou ao todo 2.525 peças, das quais 41,5% foram considerados artefatos e 58,5% tratados como rejeitos dos processos de lascamento. O agrupamento dos conjuntos líticos desse sambaqui, considerados artefatos, foi realizado tomando por base as seguintes categorias: batedor, fragmento, lascas, machado, machado batedor, suporte e suporte batedor; entre os fragmentos, diferenciaram-se os de quartzo e os de ocre, valendo para os primeiros o desgaste devido a função de moer e, para o segundo, apenas o desgaste. A pesquisa revelou similaridades, técnico-tipológicas e morfo-funcionais entre o material analisado e o que já havia sido estudado por outros pesquisadores para o litoral de São Paulo.

Além do texto de Uchôa, apresentado em 1973, nesta mesma época ocorre a defesa do trabalho de Ana Maria Beck, que realizou pesquisas de campo em cinco sambaquis, sendo um no litoral sul de Santa Catarina, chamados de Congonhas I, dois no litoral central, Ponta das Almas e Rio Lessa, e, dois no litoral norte, Morro do Ouro e Enseada I. Através do estudo dos conjuntos líticos encontrados nesses sambaquis foi possível perceber algumas nuances que diferenciaram a produção de artefatos a partir de rochas nesses sítios arqueológicos. Tais diferenças foram, por exemplo, a existência de tembetás e/ou zoólitos em alguns sítios; *choppers* e/ou lâminas de machado em outros e, a existência de lascas, como resultado de processos de confecção de artefatos em alguns sambaquis.

Apesar das diferenças observadas nos conjuntos líticos dos sambaquis estudados, Beck (2007) traçou ainda em suas considerações finais, características gerais observadas na indústria lítica analisada.

A confecção dos artefatos de pedra envolveu o conhecimento e a utilização de técnicas mistas. O lascamento, sempre por percussão direta, constituiu a técnica utilizada para preparar grande parte dos artefatos. [...]

Ao término desse processo a peça era apenas acabada, sendo então submetida ao polimento. Este também poderia ser mais ou menos intenso. Algumas peças mostram-se apenas alisadas, enquanto outras evidenciam brilho, resultante de polimento mais intenso.

A técnica de lascamento foi pouco utilizada para confecção de artefatos. São poucos os artefatos totalmente lascados. E estes não se mostram confeccionados com técnica apurada. São grosseiramente lascados. O mesmo, porém, não se pode dizer de grande parte dos instrumentos confeccionados com técnica de

⁶ A Fase Mina foi identificada como sendo de ampla dispersão geográfica e persistência temporal e, também, “a mais antiga cultura ceramista já registrada no Brasil e uma das mais recuadas da América. (...) Semelhanças nos padrões de assentamento, subsistência e cerâmica, entre a fase **Mina** e uma outra do baixo Amazonas – fase **Castália** –, sugerem que ambas representam uma antiga tradição ceramista regional – a tradição **Mina** –, à qual se relacionam ainda a fase **Alaka** (Guiana), os sambaquis litorâneos do Maranhão e, possivelmente, a fase e tradição **Periperi**, do Recôncavo Baiano” (SIMÕES, 1981, p. 1, grifo do autor).

polimento. Mesmo quando o artefato não é totalmente polido, como no caso de grande parte das lâminas de machado, quando apenas o gume é polido a técnica foi cuidadosamente aplicada. [...]

O picoteamento como técnica preparatória e na confecção de pequenos detalhes foi grandemente utilizada. O polimento foi utilizado para acabamento das peças bem como em detalhes relativos à estética e a funcionalidade, aumentando-lhes a eficiência, como no caso das lâminas de machados. (BECK, 2007, p. 279-280).

Ainda no período dos anos 1950 a 1980, é que se encaixa a produção de Lina Maria Kneip, publicada em 1976, neste trabalho os materiais líticos são classificados, com base na técnica de confecção: artefatos polidos, artefatos lascados e não trabalhados. Os materiais polidos, totalmente ou apenas na parte do gume, são representados por lâminas de machado feitas, principalmente, a partir de seixos de diabásio e que apresentam sinais de utilização nas faces superior, inferior e na porção destinada ao gume (KNEIP, 1976). Por outro lado, no caso dos materiais lascados, observa-se que

a matéria-prima utilizada foi predominantemente o quartzo leitoso e, com frequência menos, quartzo róseo e hialino. Os produtos de lascamento foram classificados em lascas preparadas ou utilizadas como facas e raspadores. Existem em pequenas proporções nítidos raspadores discoidais e tentativas de pontas a partir de lascas com auxílio de retoques. São freqüentes também blocos de quartzo de simetria plano-convexa (KNEIP, 1976, p. 106).

Em relação aos materiais não trabalhados, em sua classificação geral, Kneip (1976) reporta-se a esses como também sendo possíveis instrumentos utilizados para quebrar, peças com depressões circulares e/ou superfícies planas gastas; moer, seixos alongados que em suas porções longitudinais apresentam desgastes devido a utilização como, por exemplo, mão de mó; e, polir, nesse caso são peças que apresentaram negativos de formas polidas, e superfícies planas devido ao polimento ou côncavas.

Os trabalhos de Pallestrini e Chiara, 1981, abordam dois sítios arqueológicos litorâneos no estado do Rio de Janeiro, sendo um deles o Sambaqui de Cambonhas. Nesse sítio, foram coletadas 1062 peças, posicionadas em áreas de escavação (trincheiras, perfis, quadrículas) e na superfície. A análise desse material foi realizada a partir de critérios tecno-tipológicos, a partir dos quais foi possível estabelecer 17 tipos de peças.

Os tipos estabelecidos foram os seguintes: blocos, buris, denticulados, facas, furadores, fragmentos, lâminas de machado, lascas sem retoque, lascas com retoque, núcleos, percutores, polidores, pontas, raspadores, resíduos de lascamento, seixos utilizados e superfícies de percussão. Os tipos de peças que apresentaram maior frequência foram os resíduos de lascamento e os objetos do tipo raspador. A presença de artefatos com características de polimento foi percebida como sendo uma das menores, ocorrendo a uma taxa de 1,8% para as lâminas de machado e 2,9% para os polidores.

Segundo Pallestrini e Chiara (1981), a distribuição dos tipos por elas observados ao longo das unidades amostrais (trincheiras, quadrículas, perfis, superfície) ocorreu com alta frequência e dispersão difusa. Ainda segundo essas autoras (1981, p. 83) "a identificação dos tipos líticos reflete populações de grande habilidade técnica, pois os artefatos analisados requerem uma série de gestos planejados por artesãos conhecedores da arte de lascar a pedra".

Em outro texto de Pallestrini e Chiara (1987) foi abordada a indústria lítica encontrada no sambaqui Zé Espinho. Neste trabalho, vê-se de maneira clara a aplicação do conceito de cadeia operatória, uma vez que são abordados, ou inferidos, aspectos como a captação da matéria-prima, a confecção dos objetos através do que se poderia chamar de modelo mental e a obtenção dos produtos finais, os artefatos, com suas variadas funcionalidades. Neste caso, a principal conclusão do trabalho de Pallestrini e Chiara foi a de que: a análise dos artefatos

obtidos através das escavações no sambaqui Zé Espinho revela a existência de uma população pré-histórica de bom nível técnico com relação ao aproveitamento e utilização da pedra para manufatura de seus implementos, utilizados seja no cotidiano como no culto aos mortos. As variações por camadas representam adaptações diferenciadas às reservas circunvizinhas, fauna e flora, servindo-se de utensílios fabricados a partir dos afloramentos existentes na região. PALLESTRINI; CHIARA, 1987, p. 148).

Ainda na década de 1980 o pesquisador de Arno Kern abordou detalhes sobre a ocupação do litoral norte do Rio Grande do Sul. Ao sintetizar os artefatos líticos encontrados, Kern aborda-os ressaltando a sua grande quantidade e um alto nível tecnológico, destacando que mais de 40 tipos de artefatos líticos (lascados, polidos ou picoteados) foram encontrados em escavações arqueológicas (KERN, 1989).

Em termos percentuais, Kern observa uma predominância de peças lascadas: lascas com e sem retoque, raspadores, talhadores, pontas e furadores. “Instrumentos com entalhes dotados de gume possivelmente foram destinados a alisar as hastes de madeira das flechas, arcos e lanças, ou mesmo bastonetes de osso” (KERN, 1989, p. 117). Outros instrumentos citados pelo autor são bigornas, plainas e aqueles de função mista ou reutilizados, como no caso de núcleos que posteriormente teriam sido reutilizados como plainas. Um fato destacado por esse autor é a presença de diversos fragmentos de rocha que, por apresentarem sempre algum tipo de alteração no córtex, atuam “como testemunhos de uma atividade intensa de aquecimento de água ou simplesmente são testemunhos das atividades nas áreas de cocção de alimentos” (KERN, 1989, p. 119).

Em fins dos anos 1980 outros elementos interpretativos e o uso de métodos e discursos pautados na aplicação da abordagem tecnológica no estudo dos líticos em sambaquis já estavam presente e tornam-se a principal diferença em relação ao período anterior, contribuindo, sob diferentes aspectos, também para a inserção deste tipo de abordagem no período seguinte.

DE 1990 EM DIANTE: OUTRAS FORMAS DE SE ABORDAR OS DADOS SOBRE INDÚSTRIAS LÍTICAS EM SAMBAQUIS NO BRASIL

Nesse período, ainda em curso, vê-se que em paralelo ao prosseguimento dos estudos interdisciplinares, foram ampliados os esforços para compreensão de aspectos como espacialidade dos sambaquis e a identidade social de populações sambaquieiras, em linhas gerais, é possível dizer que passaram a ser melhor percebidos/compreendidos os elementos que apontam para a complexidade emergente dessas populações (LIMA, 1999/2000). No campo das indústrias líticas surgem trabalhos cujo enfoque principal é o estudo desse tipo de evidência e outros, em que o estudo de conjuntos líticos compõe apenas um dos elementos abordados.

No início dos anos 1990, Maria Dulce Gaspar defendeu uma tese de doutoramento voltada para a percepção da organização social de caçadores, coletores e pescadores no espaço entre Ilha Grande e o delta do Paraíba do Sul, no Rio de Janeiro. Neste trabalho, foram abarcados aspectos técnicos, morfológicos e funcionais dos conjuntos líticos analisados. A partir dessas perspectivas, foram estabelecidas duas classes de artefatos assim caracterizadas:

Classe A – Refere-se à artefatos elaborados quase exclusivamente em quartzo, que foram modificados através de diferentes técnicas de percussão.

Classe B – Refere-se à artefatos de seixo ou blocos de gnaise, diabásio, basalto e quartzo que foram na sua maioria utilizados sem que tivesse ocorrido alterações prévias na massa inicial, ou em alguns casos, tiveram a sua forma alterada através do polimento (GASPAR, 1990, p. 120).

As principais considerações no campo da tecnologia relacionada aos artefatos líticos ficaram por conta dos seguintes elementos: o processo de redução bipolar, o processo de redução do emprego da percussão direta, o polimento, o cinzelamento, a preparação de corantes (percebida em vários seixos cujas faces estavam com pigmentos) e a reciclagem, percebida principalmente nos artefatos que compunham a classe B (GASPAR, 1990).

Por outro lado, as considerações acerca da funcionalidade das peças analisadas foram relacionadas a situações como a preparação de alimentos ou substâncias, o trabalho com fibras, madeira ou preparo de artefatos ósseos, o uso simbólico e no trabalho com a madeira e, por fim, o processamento ou preparo de produtos/implementos como couro e hastes de madeira (GASPAR, 1990).

Tânia Andrade Lima apresentou em 1991 uma tese de doutorado focada no entendimento dos contextos relacionados às alterações nos mecanismos de procura alimentar de grupos pré-históricos que habitaram o litoral do Rio de Janeiro (LIMA, 1991). No tocante a análise de conjuntos líticos nos sambaquis que fizeram parte do universo de análise da pesquisadora, observou-se quatro categorias de peças: lascas funcionais, lascas não funcionais, núcleos e resíduos de lascamento. “Quanto às lascas, são consideradas como não-funcionais as peças muito espessas, com bordos abruptos e seção triangular. Como potencialmente funcionais, as delgadas, com bordos agudos, rasantes” (LIMA, 1991, p. 292). Além disto, percebe-se o fato de que tal qual Gaspar (1990), Lima (1991) apresenta em seu trabalho dados provenientes do uso da experimentação, como forma de aferir os atributos tecnológicos.

A presença de lâminas de machado, algumas das quais foram inicialmente lascadas para, posteriormente terem as superfícies regularizadas através do polimento, permitiu que fosse estabelecida uma correlação desses instrumentos no trabalho com madeira, tendo em vista a elaboração de embarcações. Por fim, ocorrem ainda os implementos de moagem, como mãos de mó, relacionados ao processamento de vegetais (LIMA, 1991).

Em 1992, Bandeira (1992) apresentou um trabalho em que abordou, também, 1272 peças líticas, relacionadas a dois períodos de ocupação distintos. Pode ser notado que as peças foram inicialmente agrupadas por matéria-prima (granito, basalto, quartzo, arenito, óxidos e xistos) e, a partir disso, os tipos estabelecidos envolvem categorias de artefato tanto lascados quanto polidos, entre as quais: seixos, fragmentos, lascas, machado, óxidos, fusiformes, percutores, bigornas, polidores e alisador em canaleta.

Referindo-se a possíveis diferenças entre as duas ocupações identificadas no sítio arqueológico Enseada I, Bandeira ao citar De Masi observa que

a acentuada homogeneidade em termos da tecnologia de produção entre os dois períodos de ocupação do sítio arqueológico, possivelmente é resultado de uma mesma forma de adaptação ao ambiente marinho. Enquanto a diferença em termos quantitativos pode estar a indicar uma ocupação mais intensa, e talvez mais permanente por parte dos ceramistas. (DE MASI, 1982 *apud* BANDEIRA, 1992, p. 36)

O trabalho de Da Paz, *Arqueologia da Baía de Guanabara: estudo dos sambaquis do município de Guapimirim* (1999), aborda em um de seus capítulos especificamente a indústria lítica de sambaquis. Inerente aos aspectos tecno-tipológicos, observa-se que há nesse trabalho uma preocupação que norteou parte do estudo, que é o emprego do aquecimento ou do tratamento térmico para com os líticos analisados.

A execução do trabalho ocorreu através de análises morfológica e tecnológica, o posicionamento vertical para verificação da frequência das matérias-primas e seu posicionamento em relação a cronologia dos sítios, além disso, “dividiu-se a indústria em dois grandes grupos de matérias-primas: o quartzo de um lado, que com certeza é a mais abundante, e as rochas de outro. Este último grupo compreende os artefatos confeccionados em gnaisse, diabásio, granitos fonoli-

tos, entre outros” (DA PAZ, 1999, p. 179).

Os artefatos foram encaixados em um esquema de análise que decompunha o posicionamento desses no interior da classificação elaborada, na qual, do maior para o menor, existiam séries de artefatos, tipos de artefatos e categorias. Sob o ponto de vista tecnológico, para a indústria em quartzo, Da Paz identificou duas técnicas de lascamento, percussão direta unipolar e percussão bipolar. Sobre a discussão relacionada à ação térmica em peças líticas, a principal consideração da autora é a de que “a presença de fogueiras com material lítico associado, mesmo que em proporções diferenciadas de sítio para sítio, são indicadoras do conhecimento comum referente às propriedades intrínsecas das rochas e minerais” (DA PAZ, 1999, p. 204).

Guimarães (2001) aborda em seu texto sobre o sambaqui IBV4, dados sobre a indústria lítica a partir de um processo de análise “tecno-morfo-funcional” (GUIMARÃES, 2001, p. 97), em meio ao qual foram caracterizados seis tipos de peças: *cassons*, estilhas, nucleiformes, lascas bipolar, base/batedor e polidores e, cinco categorias dimensionais, para encaixar peças com 2x2cm, 3x3cm, 4x4cm, 5x5cm e 6x6cm.

Nos agrupamentos, sobressaem-se os *cassons* e as estilhas, fato que, segundo a autora “demonstra o uso freqüente da técnica de lascamento” (GUIMARÃES, 2001: 98). Ainda segundo Guimarães, na indústria lítica sobre lascas e seixos observada no IBV4, a presença de lascas com pequenas dimensões parece indicar o uso dessas mais como estiletos do que como facas ou raspadores (GUIMARÃES, 2001).

Ainda reportando-se a característica dessa indústria de apresentar peças pequenas, uma vez que 97% possuem tamanho entre 2cm e 4cm, Guimarães afirma que, por um lado, a existência de grande quantidade de refugo de lascamento reforça o caráter habitacional do sítio e, por outro, há também a caracterização de uma indústria de micro lascas (GUIMARÃES, 2001).

Em 2009 Paulo De Blasis e Madu Gaspar publicam o artigo “Os sambaquis do sul catarinense: retrospectiva e perspectivas de dez anos de pesquisas”, neste texto os autores constroem um balanço dos resultados do estudo desenvolvido durante dez anos do projeto “Sambaquis no litoral sul catarinense”. O trabalho desenvolvido pelos autores trouxe reflexões em torno de se pensar e debater a indústria lítica sambaqueira que, até a década de 1990 era descrita como pobre e/ou de baixa expressão, mesmo com a existência dos zoólitos. Esse aspecto parte do diagnóstico da existência de visões deterministas que pairaram sobre o pensamento arqueológico por muitos anos no cenário brasileiro (DE BLASIS; GASPAS, 2009).

Além disso, os autores defendem uma análise dos dados de forma integrada para os sítios sambaqueiros, em que: materialidade, habitação, paisagem, recursos materiais e organização dos espaços, assim correlacionados, podem proporcionar a ampliação do conhecimento da vida dos sambaqueiros e de dinâmicas socioculturais ligadas ao tempo e espaço de cada sambaqui (DE BLASIS; GASPAS, 2009).

A dissertação de Daniela Maria Alves, *A indústria lítica do sambaqui Mar Casado e outros sítios do litoral do Estado de São Paulo*, analisa os conjuntos líticos destes sítios à luz de uma abordagem tecnológica, a partir da qual foram estudados macro-traços de uso nos artefatos e as técnicas empregadas na confecção.

Neste trabalho, houve a formação de cinco agrupamentos de artefatos, para distribuição das 704 peças, sendo que os grupos estabelecidos foram: artefatos brutos, a maior parte da indústria e que receberam essa denominação pelo fato de não apresentarem apenas alterações advindas do processo de utilização; lâminas de machado, cujos atributos considerados estão circunscritos a categoria da peça (pré- forma, peça fragmentada, fragmento e lâmina), a matéria-prima, o delineamento do gume, técnicas de confecção, morfologia, dimensões, peso e ângulo do gume; líticos lascados, peças em que foram percebidas técnicas de

lascamento e que foram enquadradas como sendo lascas, núcleos ou artefato; fragmentos, grupo destinado apenas aos fragmentos de seixos e o grupo formado por peças que não apresentaram marca de manufatura ou de uso e que foi composto por seixos/blocos/plaquetas (ALVES, 2010).

Além da formação desses grupos, foi elaborado um sistema de classificação que estabeleceu 13 tipos de artefatos, com funções como, por exemplo, processamento de pigmentos ou uso com função abrasiva (ALVES, 2010). Alves destacou ainda o aspecto multifuncional dos instrumentos identificados no sambaqui Mar Casado, tendo ainda em suas considerações observado que:

Os líticos de Mar Casado não são artefatos manufaturados em sua maioria. (...) Por consequência, não houve desprendimento de energia na confecção dos artefatos brutos, estes deviam ser usados em variadas atividades. As diferentes superfícies de uso verificadas nesses artefatos demonstram as estratégias de uso do grupo, que buscavam a maneira mais eficaz de adaptar o artefato ao trabalho desprendido (ALVES, 2010, p. 92).

O trabalho recente de Fabiana Rodrigues Belém, *Do seixo ao zoólito. A indústria lítica dos sambaquis do sul catarinense: aspectos formais, tecnológicos e funcionais*, toma como pressuposto a ideia de que a indústria lítica dos sambaquis catarinenses é caracterizada em grande parte sob duas perspectivas: artefatos elaborados a partir de uma cadeia operatória pouco extensa e, peças cuja “formação intencional” não pode ser percebida, mas que apresentam intenso desgaste devido ao seu emprego funcional (BELEM, 2012).

Levando esse contexto em consideração, Fabiana Belém adotou como aporte teórico-metodológico o uso não apenas da abordagem tecnológica, mas sim, uma abordagem conjugada “com dois outros parâmetros que empiricamente se revelam decisivos para uma tipologia funcional: forma (não raro naturalmente dada) e a natureza e distribuição dos desgastes derivados do uso dos artefatos” (BELÉM, 2012, p. 56).

Analisando uma indústria composta em grande parte por peças pouco padronizadas ou expeditas, Belém optou por privilegiar a compreensão dos bordos ativos dessas, acreditando que assim teria necessária flexibilidade que o estudo das coleções por ela analisadas necessitam. A partir dessa perspectiva e também do entendimento da morfologia e da tecnologia associada às peças, a autora decompôs as categorias por ela fixadas para o material estudado (quais sejam: seixos, debitagem, artefatos e fragmentos) em sete famílias de artefatos. Ao explicar o uso do termo “família”, Belém diz que este

foi adotado por apresentar um significado abrangente e ao mesmo tempo unificador, formador de conjuntos. Esses conjuntos integram peças que apresentam caracteres comuns e elementos que as unem, mas não representam peças semelhantes ou idênticas, seja pela sua forma, tecnologia ou função. São, e última instância, *conjuntos tecno-morfo-funcionais*, onde cada um deles exibe maior ou menor ênfase de cada um destes parâmetros (BELÉM, 2012, p. 57, grifo da autora).

As famílias que foram caracterizadas por Belém são as seguintes: lâminas com gume transversal (machados, enchós, goivas, cunhas), suportes com depressões cupuliformes (quebra-coquinhos, pedras com covinhas, isqueiros), artefatos basais (almofarizes, mós, bigornas, “groundstone”), manos – ou pedras de mão (machacadores, pilões), artefatos lascados, artefatos polidos elaborados (zoólitos, pratos, fusiformes, espátulas, etc.) e amoladores ou polidores, representados por calibradores ou afiadores (BELÉM, 2012).

Assim como Almeida (2010), Belém ressalta a multifuncionalidade dos instrumentos encontrados nas ocupações sambaqueiras por ela estudadas como uma característica tecnológica importante. Além disto, a indústria lítica sambaqueira, sob a ótica desta autora e, em linhas gerais, de maneira semelhante ao colocado por outros pesquisadores não é rudimentar e sim, refletem as condições de adaptação e dominação do ambiente litorâneo por parte das populações sam-

baqueiras (BELÉM, 2012).

Em trabalho defendido no ano de 2013, Silva abordou a indústria lítica presente em sambaquis na ilha de São Luís, no Maranhão. Os dados apresentados neste trabalho indicam que ocorre na área destes sítios, líticos que podem ser associados às populações sambaqueiras, mas também, populações que utilizaram o mesmo espaço em épocas posteriores. A partir de abordagens tecnológicas, foi desenvolvido um processo de classificação e ordenamento das peças líticas coletadas nos sambaquis estudados. As cadeias operatórias de produção lítica nos casos observados ocorreram tanto em áreas nos sambaquis, quanto a partir de áreas de captação de matérias-primas, fora da Ilha de São Luís, já no continente, principalmente, no caso dos líticos polidos, que compõem o maior percentual da amostra analisada, tendo sido observado baixa densidade de peças líticas lascadas (SILVA, 2013).

A tese de Cintia Bendazzoli, defendida em 2014, constam análises sobre os sambaquis da região de Ilhabela e no que cumpre aos estudos dos artefatos líticos, a autora constatou que maior parte dos artefatos foi produzida com a matéria prima que se tinha disponível na região (basalto e granito) e, que se utilizou do polimento do material bruto para a confecção de ferramentas (BENDAZZOLI, 2014).

De modo geral, as coleções dos sambaquis contemplam percutores, polidores, lâminas de machados, quebra-coquinhos e algumas pré-formas, sendo que alguns desses objetos apresentam vestígios de queima. Já o material lascado é menos expressivo e está centrado, principalmente, na utilização do quartzo nos sambaquis em geral e do basalto (BENDAZZOLI, 2014, p. 264-265).

Em trabalho defendido em 2016, Anderson Rogério de Oliveira Tognoli, ao abordar os sambaquis fluviais Caraça, Estreito, Tatupeva e Lageado IV, mesmo não buscando o aprofundamento no estudo do material lítico, ainda identificou que sua análise possibilitou a percepção de semelhanças e diferenças existentes entres os sítios estudados.

A abordagem lítica permitiu caracterizar a indústria do Estreito como uma produção expediente, típica sambaqueira, enquanto no Caraça, a confecção foi mais sistemática, uma tecnologia distinta em relação às observadas em outros sítios de Itaoca, embora compartilhando alguns aspectos com a coleção do Moraes. Por fim, a indústria do Laranjal exibiu traços tanto sambaqueiros quanto Umbu. (TOGNOLI, 2016, p. 158).

A dissertação de Davi Comenale Garcia, *Processos formativos de um sítio costeiro: estudo da indústria lítica do Sítio do Mar Virado, Ubatuba, São Paulo*, traz algumas reflexões interessantes em torno da indústria lítica sambaqueira. Na metodologia de análise, este pesquisador buscou se "ater aos aspectos funcionais dos artefatos do que propriamente aos seus aspectos tecnológicos" (GARCIA, 2017, p. 63). Dessa maneira, os artefatos foram classificados em brutos, lâminas de machado, lascas, núcleos e detritos (GARCIA, 2017).

Naquilo que cumpre os resultados em torno da indústria lítica sambaqueira, este autor percebeu que essa indústria estava, sobretudo, ligada aos ritos funerários. Já que na visão dele as idas à ilha deviam-se aos sepultamentos, pois mesmo que apenas uma pequena parte do material estivesse diretamente associado aos sepultamentos, todos os artefatos presentes no local estariam de alguma forma vinculados ao contexto funerário, visto que a realização das cerimônias mortuárias eram a única razão da vindas daquelas pessoas à ilha. (GARCIA, 2017, p. 157).

É possível apontar ainda que o estudo gerou outros resultados interessantes, como a constatação do predomínio de artefatos de uso expedite, em que um seixo ou lasca pode ser usado para mais de uma função. Já para os artefatos formais tem-se a presença de lâminas de machados e fusiformes (GARCIA, 2017).

Por fim, em trabalho publicado no ano de 2020, Garcia et al. pontuam, tal qual indicamos neste texto, inclusive, como argumentação para esta revisão bi-

bliográfica, que “apesar do material lítico representar uma parcela significativa da cultura material encontrada em sambaquis, seu estudo ainda é pouco frequente” (GARCIA et al., 2020: 563). Esses autores, buscaram estabelecer em seu texto o mapeamento das cadeias operatórias associadas à produção de objetos líticos, com evidência de distintos modelos mentais para a consecução de instrumentos, presentes no Sambaqui da Prainha, Rio de Janeiro (GARCIA et al., 2020). No contexto que caracteriza as análises de indústrias líticas de sambaquis, o artigo sobre a indústria lítica encontrada no Sambaqui da Prainha, sudoeste da Baía da Guanabara, no Rio de Janeiro, se diferencia por centralizar seus esforços de análise e interpretação a partir do emprego de análises tecnológicas que

buscam compreender processos como obtenção, produção, uso e formação dos registros arqueológicos, tendo como premissa analisar as indústrias a partir dos conjuntos completos, sem exclusão de etapas. Essa perspectiva busca entender a exploração do espaço pelas pessoas, desde a obtenção de matéria-prima até o descarte de artefatos. (GARCIA et al., 2020: 565).

Com base nesses princípios, os autores identificaram uma oficina de produção lítica, com baixa frequência de instrumentos e no interior da qual a principal matéria-prima trabalhada foi o quartzo, trabalhado tanto a partir de esquemas de debitage unipolar, quanto bipolar (GARCIA et al., 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por mais que diversas outras pesquisas tenham se desenvolvido ao longo desse percurso apresentado aqui, poucas foram aquelas que destacaram as indústrias líticas relacionadas aos grupos sambaquieiros no Brasil como objeto de pesquisa. Trabalhos ainda mais recentes continuaram e continuam sendo desenvolvidas, focando em temáticas sobre a formação dos sambaquis, relação com a paisagem local, objetos e fragmentos cerâmicos, micro vestígios e outros organismos como pólen, esqueletos etc., ganham cada vez mais interesse dos pesquisadores que utilizam esses sítios em suas indagações.

Possivelmente, um dos fatores que dificultam a formação de um quadro mais específico sobre o estado da arte dos materiais líticos (em sua maioria os materiais polidos), nos resultados das diversas pesquisas apresentadas aqui, deva-se ao fato de que as metodologias utilizadas pelos pesquisadores, que em sua grande maioria adotaram a perspectiva tipológica, destacaram principalmente as morfologias das peças e suas funções. As referidas funções, por sua vez, foram definidas a partir dos critérios morfológicos e inferências subjetivas a partir das marcas nas peças e referências comparativas do registro etnográfico e de vida dos próprios pesquisadores.

Por fim, destacamos que revisitar coleções arqueológicas de materiais líticos oriundas dos sambaquis, ainda se configura como um grande cenário a ser explorado pela arqueologia brasileira, sobretudo pelo grande potencial informativo que esses sítios e sua cultura material carregam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCÂNTARA, Aureli Alves de. Paulo Duarte entre sítios e trincheiras em defesa de sua dama – a Pré-história. Dissertação. 2008. São Paulo. Universidade de São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia: Programa de Pós-Graduação e Arqueologia.

ALVES, Daniela Maria. A indústria lítica do sambaqui Mar Casado e outros sítios do litoral do Estado de São Paulo. Dissertação. 2010. São Paulo. Universidade de São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia: Programa de Pós-Graduação em Arqueologia.

BANDEIRA, Dione da Rocha. Estratégia de subsistência: o sítio arqueológico Enseada I, um estudo de caso. Dissertação. 1992. Florianópolis/SC. Universidade Federal de Santa Catarina.

BECK, Anamaria. A variação do conteúdo cultural dos Sambaquis do litoral de Santa Catarina. Erechim/RS: Habilis, 2007. (Clássicos da Arqueologia).

BELÉM, Fabiana Rodrigues. Do seixo ao zoólito. A indústria lítica dos sambaquis do sul catarinense: aspectos formais, tecnológicos e funcionais. Dissertação. 2012. São Paulo. Universidade de São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia: Programa de Pós-Graduação em Arqueologia.

CALDERÓN, Valentin. A Fase Aratu no recôncavo e litoral norte do estado da Bahia. Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Resultados preliminares do terceiro ano (1967-1968). Belém/PA, n. 13, 1969.

CALDERÓN, Valentin. O Sambaqui da Pedra Oca: relatório de uma pesquisa. Salvador/BA: Instituto de Ciências Sociais da UFBA, 1964.

EMPERAIRE, Joseph; LAMING, Annette. Sambaquis brésiliens et amas de coquilles fuégiens. México: [s.n.], 1958.

DA PAZ, Rhoneds Aldora Rodrigues Perez. Arqueologia da Baía de Guanabara: estudo dos sambaquis do município de Guapimirim. Tese de Doutorado. 1999. São Paulo. Universidade de São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

DE BLASIS, P.; GASPAR, M.D.. Os sambaquis do sul catarinense: retrospectiva e perspectivas de dez anos de pesquisa. Especiaria (UESC). Ilhéus/BA, v. 11/12, 2011.

DEBLASIS, Paulo; GASPAR, Madu. Os sambaquis do sul catarinense: retrospectiva e perspectivas de dez anos de pesquisas. Especiaria: Cadernos de Ciências Humanas, v. 11, n. 20, 21, 2015.

ETCHEVARNE, Carlos; FERNANDES, Luydy. Patrimônio arqueológico pré-colonial. Os sítios de sociedades de caçadores coletores e dos grandes grupos de horticultores ceramistas, antes da chegada dos portugueses. In: ETCHEVARNE, Carlos; PIMENTEL, Rita (Orgs.). Patrimônio arqueológico da Bahia. Salvador, SEI: 2011.

FERNANDES, José Silvestre. Os sambaquis do noroeste maranhense. Boletim Geográfico. Conselho Nacional de Geografia/IBGE. Ano VIII, n. 85, 1950.

FERREIRA, Lúcio Menezes. "Um bando de ideias novas" na arqueologia (1870-1877). Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo, n. 11, 2001.

FERREIRA, Lúcio Menezes. Território primitivo: a institucionalização da Arqueologia no Brasil (1870-1917). Tese de Doutorado. 2007. Campinas/SP. Universidade

Estadual de Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas: Programa de Pós-graduação em História.

ferreiraGARCIA, Davi Comenale. Processos formativos de um sítio costeiro: estudo da indústria lítica do Sítio do Mar Virado, Ubatuba, São Paulo. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

GARCIA, Anderson Marques; GASPAR, Maria Dulce; BIANCHINI, Gina Faraco; BORGES, Diogo de Souza; MACARIO, Kita Damasio; BARROS, Henrique Vences; FRIGOLLI, Riccardo. Tecnologia Lítica e Cadeias Operatórias no sítio Sambaqui da Prainha, sudoeste da Baía da Guanabara, Rio de Janeiro. *Habitus*. v. 18, n. 2, jul./dez. 2020.

GASPAR, Maria Dulce. Aspectos da organização social de um grupo de pescadores, coletores e caçadores: região compreendida entre a Ilha Grande e o delta do Paraíba do Sul, estado do Rio de Janeiro. Tese de Doutorado. 1990. São Paulo. Universidade de São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

GUIMARÃES, Márcia Barbosa da Costa. A ocupação pré-colonial da região dos Lagos, RJ: sistema de assentamento e relações intersociais entre grupos sambaquianos e grupos ceramistas Tupinambá e da tradição Una. Tese de Doutorado.

HILBERT, Peter Paul. Achados arqueológicos num sambaqui do baixo Amazonas. Belém/PA: Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, 1959.

HARTT, Carlos Frederico. Contribuições para a ethnologia do valle do Amazonas. *Archivos do Museu Nacional*. Rio de Janeiro, v. 6, 1885.

IHERING, Herman von. A civilização prehistorica do Brazil meridional. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, v. 1, 1895.

IHERING, Herman von. *Archaeologia comparativa do Brazil*. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, v. 6, 1904.

KERN, Arno Alvarez. Pescadores-coletores pré-históricos do litoral norte do Rio Grande do Sul. In: KERN, Arno Alvarez. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil*. Documentos 03. São Leopoldo/RS: Instituto Anchietano de Pesquisas – UNISINOS, 1989.

KNEIP, Lina Maria. Sambaqui do Forte – Identificação espacial de atividades humanas e suas implicações (Cabo Frio, RJ – Brasil). *Coleção Museu Paulista. Série de Arqueologia*. v. 2. São Paulo: Fundo de Pesquisas do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 1976.

LEÃO, Ermelino S. de. Antonina prehistorica. *Archivos do Museu Nacional*. Rio de Janeiro, v. 22, 1919.

LIMA, Tania Andrade. Dos mariscos aos peixes: um estudo zooarqueológico de mudança de subsistência na pré-história do Rio de Janeiro. Tese de Doutorado. 1991. São Paulo/SP. Universidade de São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

LIMA, Tania Andrade. Em busca dos frutos do mar: os pescadores-coletores do litoral centro-sul do Brasil. *Revista USP (Dossiê Antes de Cabral: Arqueologia Brasileira)*. São Paulo, v. 44, n. 2, 1999/2000.

NETTO, Ladislau. A origem dos sambaquis. *Revista da Exposição de Anthropologica Brasileira*. Rio de Janeiro: Typographia de Pinheiro & C., 1882.

NETTO, Ladislau. Investigações sobre a archeologia brasileira. *Archivos do Museu Nacional*. Rio de Janeiro, v. 6, 1885.

PENNA, Domingos Soares Ferreira. Breve notícia sobre os sambaquis do Pará. *Archivos do Museu Nacional*. Rio de Janeiro, v. 1, 1876.

RATH, Carlos. Noticia ethnologica sobre um povo que já habitou a costa do Brasil, bem como seu interior, antes do diluvio universal. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, v. 34, 1871.

SIMÕES, Cintia Bendazzoli. O panorama da ocupação sambaqueira no arquipélago de Ilhabela, SP. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SIMÕES, Mário Ferreira. As pesquisas arqueológicas do Museu Paraense Emílio Goeldi. *Acta Amazonica*. Belém, n. 11, v. 1, 1981.

SERRANO, Antonio. The sambaquis of the brazilian coast. In: STEWARD, Julian H.. *Handbook of South American Indians*. v. 1 – The marginal tribes. Bureau of American Ethnology. Bulletin 143. Washington-DC: Smithsonian Institution, 1946.

SILVA, Abrahão Sanderson N. Fernandes da. Bacanga, Paço do Lumiar e Panaquatira: estudo das indústrias líticas presentes em sambaquis na Ilha de São Luís, Maranhão, por cadeias operatórias e sistema tecnológico. Tese. 2013. 426f. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade de São Paulo.

TIBURTIUS, Guilherme Augusto Emílio. *Arquivos de Guilherme Tiburtius*. Joinville/SC: Museu Arqueológico do Sambaqui de Joinville, 1996.

TOGNOLI, Anderson Rogerio de Oliveira. Zooarqueologia dos sambaquis fluviais-Caraça, Estreito, Tatupeva e Lageado IV: uma leitura da paisagem sambaqueira da região de Itaoca-Vale do Ribeira de Iguape. 2016. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

UCHÔA, Dorath Pinto. Arqueologia de Piaçagüera e Tenório: análise de dois tipos de sítios pré-cerâmicos do litoral Paulista. Erechim/RS: Habilis, 2007. (Clássicos da Arqueologia).

WIENER, Carlos. Estudos sobre os sambaquis do sul do Brazil. *Archivos do Museu Nacional*. Rio de Janeiro, v. 1, 1876.